MUSEU FREI GAL
ARQUIVO MEMÓRIA DE GUA INGUETÁ
CENTRO SOCIAL DE GUARATINGUETÁ
Praça Conselheiro Rodrigues Alves - nº 48 - 2º Andar
1997 **nº 164**

RUA FEIJÓ Nº...

À TIA CAÇULA



Pelos fins de 1934, voltamos eu, mamãe, papai e minha irmã, para Guaratinguetá, vindos de Pindamonhangaba. E nos estabelecemos em casa de minha tia Rosália, à Rua Feijó. Tinha 8 anos e a cidade me parecia cheia de coisas dignas de nota: ruas calçadas em toda parte central, comércio muito ativo, o Cine Central, o Restaurante e Padaria Mollica, num belo prédio digno da Belle Époque, o bondinho elétrico, a Festa de São Benedito de 1935, os sobrados (muitos com elegantes grades de ferro trabalhado) na própria rua Feijó, na rua 15 de Novembro, na rua Tamandaré, no alto da subida da Pedreira, no início da Av.Rui Barbosa com seu chafariz (1), o sobradão da rua Marechal Deodoro que, depois seria nosso, o prédio da Escola de Farmácia e Odontologia no "Largo do Theatro", o sóbrio edifício da Escola Normal.

Tia Rosalina e Tia Caçula (Hermínia) eram exímias bordadeiras, às quais se ajuntou minha mãe Emília. As três ficariam conhecidas como as Dubsky da arte de bordar. Lá também morava vovó Cecília Dubsky que contava histórias da sua querida Áustria. Não gostava de lembrar, porém, a sua dura vida de imigrante que, nos fins do século XIX, se estabelecera, com outros pioneiros, na Colônia do Piagui, recém criada. Mas contava as novidades que o "Deutsch Zeitug" (o "Diário Alemão") trazia, como a possível e incrível invenção da Televisão!

A casa era muito grande, seguindo os padrões das antigas construções, com um corredor central separando duas grandes salas que com ele se comunicavam, e com uma portinhola no meio, que garantia a privacidade dos moradores, já que a porta da rua ficava sempre aberta. O corredor dava para uma comprida sala de jantar, onde uma vez por mês, armava-se requintado altar para receber a visita de Nossa Sra. das Graças. Ainda havia a copa, o banheiro amplo, a cozinha com seu fogão a lenha, um grande quarto interno, três ou quatro alcovas, além de outras dependências. O quintal, em pleno centro da cidade, com sua parreira, sua goiabeira, sua ameixeira, seu pé de lima, era um delicioso recanto nos dias de calor. Além do jardim que, com suas violetas, perfumava a sala de jantar.

Havia, porém, algumas notícias preocupantes: seria fechada a Escola de Farmácia e Odontologia (o que, aliás se deu por Ato do Prefeito Diomar P.da Rocha de novembro de 1934). Como também a próxima demolição da Igreja do Rosário adquirida pela Prefeitura. Lembro-me de, como coroinha, ter participado em 1935, do tríduo de despedida na Igreja e da procissão em que se levou a imagem de Nossa Sra. do Rosário para a matriz: e dos pingentes do belo lustre de cristal jogado num corredor lateral da casa paroquial e que usávamos como prisma para decompor a luz do sol em

belos "arco-íris".(2). De dia passavam os carros de boi, trazendo leite ou lenha para alimentar os fogões da cidade; passavam, também, os cargueiros em tropas de burro, trazendo produtos das fazendas. Raramente passava um "fordinho 29". De noite, ela era das crianças que brincavam de roda, de chicote-queimado, barra-manteiga, passa-passa-três-vezes: os meninos também gostavam de jogar "paredinha" com moedas de "quatrocentão" (3) ou com tampinhas de garrafa de cerveja chumbadas nos trilhos do bondinho. De repente, ouvia-se, lá pelos lados da Matriz, o "poc-poc" de um fordinho, o que determinava a paralisação momentânea das brincadeiras - tudo, entretanto, com muita tranquilidade. Aliás, nem de dia, muito menos à noite, a tranquilidade da rua era violentada por ruidosos "alto-berrantes".

Logo adiante ficava a escura Rua da Independência (hoje Sete de Setembro) também conhecida como Rua do Sapo, onde não era de boa reputação moça séria namorar à noite!

Nas noites de 5ª feira, havia o ensaio da Banda "União Beneficente" em sua sede, à Rua Feijó. Em determinados domingos, quando havia jogo da Associação, a Banda Beneficente dirigia-se para o campo da Rua Pires Barbosa, levando atrás de si um grande número de crianças animadas por "dobrados" ligeiros. Durante o jogo, quando a Associação marcava um tento, a Banda tocava o "dobrado" "GOAL" de autoria de Firmino França (cujo original se encontra no Arquivo "Memória de Guaratinguetá"). Neste caso o "dobrado" ganhava um andamento "molto allegro". Porém se o gol era do adversário, o "dobrado" quase que virava uma "marcha fúnebre"...

Em certa manhã de dezembro, quando acordei, recebi a notícia do nascimento de um irmão. Tudo se realizara em casa e, dormindo a sono alto, nada percebi; Da. Ceci Monteiro, perita parteira, realizara seu trabalho com extrema perícia.

O sino grande da Matriz ("o bronze"), às 6 h, nos acordava. Meia hora depois o sino "meão" chamava para a missa diária. E, nos dias de exéquias, o dobrar triste dos dois nos avisava dos falecimentos e da hora do enterro, das missas de 7º , 30º dia, ou mesmo 1º aniversário de falecimento.

No Carnaval passavam muitas pessoas fantasiadas, bem como blocos carnavalescos, todos dirigindo-se para a "Praça". Marchinhas, serpentinas, confete, cheiro de lança-perfume, tudo invadia a "Praça". Com a chegada da Quaresma, tudo voltava à tranquilidade, agora ainda maior - abstinência e jejuns rigorosos, ausência de bailes e de festas ruidosas, tudo culminando na Semana Santa. Agora passavam pessoas vestidas sobriamente, de trajes escuros, para a adoração do Santíssimo ou para o "beijamento" do Senhor Morto. Calavam-se os sinos, após a Missa de Quinta-Feira Santa, de manhã, e o som das matracas estalava pela nossa rua até a manhã de sábado. À noite de Sexta-Feira Santa, ouvia-se solene, a Banda Beneficente executando a Marcha Fúnebre do Maestro Vilas, cadenciando a "Procissão do Enterro".

A 20 de abril desse ano de 1935, após "romper" o Alleluia - era o Sábado Santo - a Rua Feijó encheu-se de movimento, de sons, de vozes agitadas, enquanto as "Caixas de São Benedito" ritmicamente anunciavam a Festa de São Benedito - pois o Rei de São Benedito estabelecera a sua "casa da festa" quase em frente a nossa.

Durante o ano, aos domingos, à noite, mulheres em seus vestidos de seda ou de linho, os homens de terno de casimira ou linho inglês, ou até mesmo de brim, e de gravata e chapéu; as meninas com seus grandes laços de fita de "chamalote" nos cabelos, todos se dirigindo para o "Jardim" - a Rua Feijó ficava colorida e animada. Nos domingos em que havia procissão à tarde, brancas asas de "anjos" desfilavam pelas nossas janelas abertas.

Do lado direito de nossa casa ficava a residência do Seu Salgado, na qual havia também sua funerária, e ele fabricava caixões de defunto revestidos de pano preto, roxo, cor-de-rosa ou branco, conforme a idade, o estado civil ou o sexo do morto. E um dia, a Rua foi abalada pela notícia do falecimento de uma jovem vítima do tifo. Multidão de pessoas consternadas, ou curiosas, juntou-se em frente do sobrado que ficava logo adiante e, de cuja sacada na hora do enterro, o pai despedia-se da filha em pungentes palavras de adeus.

De uma casa próxima, em certas noites, expandiam-se pela Rua Feijó, os acordes suaves de um noturno de Chopin, executado por Raphael Improta ao seu piano.

Dia 15 de novembro era uma data especial: doces, balas feitas em casa, bolo, flores, era o aniversário da vovó Dubsky - filhos, genros, netos, todos reuniam-se para homenagear a matriarca "tão meiga, por todos querida e estimada" como bem descreveu Tia Augusta em sua poesia "15 de Novembro" (A imigrante meiga, porém, ficava zangada quando alguém jogava fora um pedaço de pão ou matava uma abelha menos agressiva).

Ainda havia a "bonificação" que Tia Linda ou Tia Caçula traziam do cinema aos domingos e que eu ganhava para poder, durante certo dia da semana, assistir gratuitamente a um filme de "vaqueiro" no Cine Central ou no Cine Parque, além de um seriado de "Rim-Tim-Tim", cheio de suspenses semanais. Havia o delicioso picolé de coco-queimado da sorveteria do Mollica, o chocolate obtido com uma moeda no "Bar Automático" da Praça. E a gostosura do conteúdo dos "cartuchos" que minha irmã ganhava por ter "saído de anjo" numa procissão.

A lembrança dos dias da Revolução Constitucionalista ainda estava muito viva na Casa da rua Feijó. Tudo era uma triste recordação para meus parentes que ficaram em Guaratinguetá, refugiando-se na Fazenda N.Sra. da Conceição dos meus padrinhos tio Joaquim Vieira de Campos e tia Cecília Dubsky de Campos, para além das Três Cruzes. O Lulu (Luiz Maia Braga, irmão de Tio Maia) apresentara-se como voluntário paulista. Ao dirigir-se para o front, teve um dedo decepado por uma bala de fusil, o que não impediu que ele continuasse exímio violinista.

Da casa do Seu Salgado saía, à noitinha, em certos dias, o Eduardo, com seu tabuleiro portátil, anunciando: "Óia a geléia de mocotó" que Dª Rosinha preparava. Diariamente, antes do início das sessões do Cine Central, passavam as balas de coco, de leite, de amendoim, de café, cada tipo embrulhado em papel de seda de cor diferente e amarradas em feixes de cinco. Os rapazes costumavam enviar destas balas às moças que desejavam conquistar. A cesta de balas, entretanto, apenas percorria a platéia e os balcões; os da geral ou "puleiro" não tinham esse privilégio (4).

Numa esquina da atual rua Sete de Setembro, estabelecera-se recentemente, um jovem médico que já estava adquirindo fama: o Dr. Sigaud. E, mais adiante, ainda do lado direito, ficava a Sapataria do Seu Alfredo Ferri que, com rara perfeição, confeccionava sapatos para as senhoras e senhoritas elegantes, e que, nas horas "vagas", era um virtuoso tocador de bombardino na Banda da Sociedade "União Beneficente".

Na esquina do lado direito de quem saía do Largo da Matriz, ficava "a Pharmmacia Nossa Senhora Apparecida", do Seu Querido, auxiliado por sua filha Dinorah. Do lado esquerdo, ficava a "Casa Nancy" do seu Erotydes Porto: papelaria e tipografia, que imprimia a capa dos "portafólios" para os trabalhos dos alunos da Escola Normal.

A esquerda da nossa casa, ficava o bazar do Seu Arneiro, no qual nós crianças comprávamos os artefatos juninos que eu usaria na festa de São João na fazenda do meu padrinho Joaquim "Emboava", pois, as férias de inverno eram em junho, e as fazendas, na Noite de São João clareavam-se com as fogueiras, rojões, busca-pés, etc. Ainda do lado direito, antes do bazar, ficava a casa paroquial, onde residia o Pe. Rosa, fanático torcedor da Esportiva. Dela saiu, em um domingo de dezembro, o recém ordenado Pe. José Antonio dos Santos, paramentado, acompanhado do diácono e do

subdiácono, coroinhas, irmandades religiosas e banda de música, para, em procissão dirigir-se à Matriz a fim de "cantar a primeira missa solene em sua terra natal".

De vez em quando "Nhá Toninha Rabiano", com sua saia rodada arrastando pelo chão, desengonçada, assustando as crianças ou, xingando os moleques que a provocavam, batia às portas das casas para pedir: "Suca, pó, pisunto ou aloizinho". E havia o vendedor de pastel que, com sua enorme cesta de taquara, vinha alardeando seu popular "pregão"; - "Pasterrrr de queijo", e como suas calças de brim caque não chegavam aos tornozelos, cunhou-se a expressão: "pastel de queijo" para quem usasse calças não muito compridas (5).

E dentro de casa, nas tardes tranquilas, meus primos Nenê, Alice, Rodolfo, "Santo" e alguns amigos como o "João Salada", sentávamos à enorme mesa da sala de jantar, para, com Tia Angelina, empenharmo-nos no interminável jogo de "Batalha" ou "Roba-Monte". Era nessa mesa que fazia minhas "tarefas escolares", e, numa tarde de julho de 36, Tia Rosalina aproximou-se com sua característica delicadeza e deu-me a notícia de que, em vista do falecimento do ex-governador revolucionário de São Paulo, Pedro de Toledo, fora decretado feriado de três dias. Embora já tivesse tido aula naquele dia, lembro-me de que, sem nenhuma consideração pelo falecido, saí a dar cambalhotas. Já naquele tempo os alunos gostavam de uma folga... De tempo em tempo, passava pelo Largo da Matriz, bem junto ao início da rua, o bondinho elétrico que ligava Guaratinguetá a Aparecida. À noite, até lá pelas dez horas, era quase o único a romper o silêncio, junto com o apito dos guardas-noturnos e o ladrar de um cão assustadiço.

Nove horas da noite - as badaladas do "bronze" da Matriz anunciavam que era o momento de se fechar a porta da rua e a própria rua parecia se preparar para dormir tranquilamente. No interior de nossa casa, servia-se o café noturno, muitas vezes acompanhado do delicioso "apfelstrudell" (enrolado ou torta de maçã) especialidade austríaca, cuja receita vovó trouxera no seu baú no navio de imigrantes. E, na vitrola movida à corda, girava um disco da "Odeon" em que Francisco Alves cantava a valsa "Viena, Cidade dos Meus Sonhos"...

"Se fosse para sonhar
com o mundo das calçadas e quintais
e com os brinquedos
do tempo em que a gente pulava sela
valeria a pena dormir a vida inteira" (6).

BENEDITO DUBSKY COUPÉ

NOTAS: (1) - Esse chafariz de pedra encontra-se atualmente armado na Praça "Brito Broca". Alguém, mal informado cobriu-o de tinta cinza! (2) - Essa imagem de N.Sra. do Rosário foi depois solenemente levada, em procissão, para a Igreja de N.Sra.das Graças (ver o nº 62 desta série, em texto de Giovanni Lucchesi) e roubada na noite de 12-13 de fevereiro de 1997. (3) - "Quatrocentão" era uma grande moeda de níquel que valia 400 réis. (4) - Essa balas eram feitas por Dª Capitulina, residente à Rua Feijó e que também dava soboroso "chocolate" para as crianças, após a 1ª Comunhão na Matriz. (5) - Tuvira, em seu livro "Tipos Populares", refere-se à "Nhá Toninha Dona" que pedia "Smolinha, Dona" - deve ser a mesma "Nhá Toninha Rabiano". E ao vendedor de pastel de queijo, o apresenta como "Justino Pastel de Queijo". (6) - Da poesia "Sonho" de Sólon Borges dos Reis, in "Carrossel do Tempo" -Ed. Da União Paulista de Educação - SP - 1988.